

EXPERIÊNCIAS DE INCLUSÃO DIGITAL EM SALVADOR (BAHIA): PROJETOS COM O USO DO COMPUTADOR EM 2004

JOSÉ CARLOS RIBEIRO¹

j.c.ribeiro@terra.com.br

CLÉRIA VANUSA SOARES SANTOS²

cleria.vanusa@globo.com

MARLY FIGARES CAMARGO³

marly.figares@ig.com.br

Resumo:

Este artigo relata o processo de construção de um produto técnico-artístico, no formato digital CD-ROM, denominado *Experiências em Inclusão Digital: Salvador 2004*. O produto teve como objetivo principal mapear os projetos de Inclusão Digital em vigência na cidade de Salvador no ano de 2004. De maneira adicional, busca trazer elementos e informações que ajudem nas reflexões e nos procedimentos que visem a diminuição das diferenças sociais, através do uso de tecnologias de informação e comunicação.

Palavras-chave: CD-ROM, Inclusão Digital, tecnologias de informação e comunicação, analfabetismo digital, exclusão digital.

1 “INCLUSÃO DIGITAL”, O QUE REALMENTE SIGNIFICA?

Todo cidadão tem o direito à informação. Esta é a premissa que norteia a idéia de Inclusão Digital. Democratizar o acesso às tecnologias da informação e comunicação é alfabetizar digitalmente, proporcionando (ou ampliando) o contato da maioria das pessoas com as novas ferramentas da chamada “Era da Informação”. Nesse sentido, a Inclusão Digital é a promoção do acesso às “novas tecnologias” e à Internet, aplicada na solução dos problemas sociais, através da geração de conhecimentos e de intercâmbio de informações.

Então o que vem a ser "analfabetismo digital?" Em sentido amplo, podemos afirmar que é a dificuldade que o cidadão apresenta na utilização de um equipamento eletrônico (computador, terminal bancário, urna eletrônica, terminais de auto-

atendimento, entre outros), proveniente, em grande parte, pela ausência de contato constante com essas novas ferramentas, ou mesmo pelo completo desconhecimento de suas aplicabilidades e funções. Deste fato particular nasce uma recente categoria analítica: a dos excluídos digitais.

A situação de exclusão digital é tão grave, que a Organização das Nações Unidas (ONU) resolveu colocá-la entre os piores problemas da sociedade atual, ao lado da fome, do desemprego e do analfabetismo. O ponto referencial da proposição da ONU é a consensual constatação de que o conhecimento, adquirido em larga escala através dos meios informacionais, tende a ser cada vez mais valorizado, enquanto que a sua falta promove cada vez mais o agravamento dos problemas sociais.

Segundo Silveira (2001), as oportunidades dos incluídos na sociedade da informação são muito maiores do que as daqueles que vivem o *apartheid* digital, haja vista que para se obter um emprego é imprescindível, na maioria dos casos, ter alguma destreza no uso das ferramentas computacionais. No “Mapa da exclusão digital” (NERI, 2003, p. 16), da Fundação Getúlio Vargas, aparece uma citação bastante significativa a este respeito: “Pobres precisam, acima de tudo, de oportunidade. Oportunidades hoje são representadas pela posse de ativos ligados à tecnologia da informação”.

Em concordância, Silveira (2001) aponta que a solução para a miséria de milhões de brasileiros não pode mais ser pensada sem a abordagem de uma "alfabetização digital" e de políticas públicas para democratização da tecnologia.

Como podemos reduzir essa exclusão digital? Segundo Pretto e Bonilla (2001, s.p.)

[...] o grande desafio será o de articular todas as organizações da sociedade - universidades e faculdades (estaduais, federais e particulares), governos federal, estaduais e municipais, a iniciativa privada - buscando, efetivamente, a formação de cidadãos ativos e autônomos, universalizando o acesso à Internet e promovendo a democratização da informação.

Desta forma, qual seria a melhor maneira de promover a “Inclusão Digital”? Vejamos o que propõe Cristina De Luca na apresentação de um sugestivo manual (vinculado ao Instituto Ethos – CDI), intitulado “O que as empresas podem fazer pela Inclusão Digital?”:

Iniciativas de promoção da inclusão estariam, então, diretamente relacionadas à motivação e à capacidade para a utilização das TICs de forma crítica e empreendedora, objetivando o desenvolvimento pessoal e comunitário. A idéia é que, apropriando-se destes novos conhecimentos e ferramentas, os indivíduos possam desenvolver uma consciência histórica, política e ética, associada a uma ação cidadã e de transformação social, ao mesmo tempo em que se qualificam profissionalmente (DE LUCA apud CRUZ, 2004, p. 11).

Fala-se muito em globalização e com ela criam-se, assim, novas necessidades. A educação faz parte deste processo, no entanto nem sempre esta acompanha a crescente inserção das tecnologias que o homem cria para suprir as expectativas de consumo e informação dos tempos modernos. Existe uma necessidade de nivelamento de conhecimentos e informações para que todos possam fazer parte deste novo processo. Como bem lembra Lévy (1999), o principal obstáculo à participação não é a falta de computador, mas o analfabetismo e a falta de recursos culturais.

Então, como podemos continuar a falar em globalização, onde muitos nem sabem o que vem a ser a Internet? Qual a possibilidade de se inserir no mercado um trabalhador que desconheça as ferramentas tecnológicas, como por exemplo, o computador? O que podem esperar da vida aqueles que dia-a-dia estão ficando de fora da constante evolução tecnológica do mundo moderno? Parece-nos que nada além de um aumento da distância entre as classes sociais.

Precisamos superar a perigosa situação em que apenas alguns estão capacitados a armazenar, processar, gerar e transmitir informações com velocidade, enquanto a maioria permanece despreparada para uma sociedade em que a informação, convertida em conhecimento, é o principal elemento para se produzir mais e melhor (DIAS, 2003, p.7).

Mobilizações estão sendo feitas nessa direção para tentar melhorar a situação dos excluídos digitais. Projetos de Inclusão estão sendo implantados em todo o país. Como aponta Dias (2003, p. 6), “a batalha já começou e está em cada canto do país”.

Sensível a esses fatos, o governo federal brasileiro lançou o Programa Brasileiro de Inclusão Digital (PBID), o qual tem como objetivo ampliar a proporção de cidadãos - sobretudo os de baixa renda - com acesso às tecnologias da informação.

O secretário de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério do Planejamento, Rogério Santanna, garante que o governo federal não vai abrir mão de nenhum recurso para colocar em prática as ações de inclusão digital. "A exclusão digital é a filha mais nova da exclusão social. Quanto mais pobre, mais afastado está da Internet", ressalta. O Governo federal quer fazer de 2005 o ano da inclusão digital (Governo federal quer fazer de 2005 o ano da inclusão digital, entrevista com Rogério Santanna).

Conforme os dados da pesquisa "Mapa da Exclusão Digital", referenciada anteriormente, dos 13 milhões de baianos somente 4,61% da população têm acesso a computadores, quase um terço da taxa média nacional, que é de 10,29%. Salvador, Lauro de Freitas e Itabuna são os municípios com maior taxa de inclusão digital, com, respectivamente, 14,05%, 13,48% e 7,86% da população. Já nas cidades de América Dourada e Cairu são registrados os menores níveis de acesso, com 0,02% e 0,05%. A partir desses dados, constatou-se que América Dourada é a cidade brasileira com maior índice de exclusão digital.

De acordo com o diretor geral da Fundação Luis Eduardo Magalhães, Geraldo Machado, os dados apresentados no Mapa da Exclusão Digital são da mais alta relevância. "A partir deles, será possível buscar uma atuação integrada de ações contra o chamado apartheid digital com outras iniciativas que visam combater a miséria, a desigualdade e elevar o nível do bem-estar social de maneira sustentável. A questão da inclusão digital não se refere apenas a uma iniciação tecnológica, mas acima de tudo ao acesso à informação e ao conhecimento", afirmou (Inclusão digital na Bahia. Entrevista com Geraldo Machado)

Diante desse quadro, emerge uma pergunta: o que podemos fazer para tentar minimizar esse abismo entre os excluídos e os incluídos digitais?

2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DO CD-ROM

Ao longo de nossas investidas sobre o tema, as questões acima apresentadas permearam as nossas reflexões. Entretanto, uma delas, proposta por Silveira (2001, contracapa), serviu como ponto de partida para a construção do projeto: "Quais são os melhores instrumentos para garantir a todos o acesso às tecnologias da informação e combater a exclusão digital em uma sociedade hipercapitalista e multiexcludente?".

O desejo de elaborar um produto multimídia, com o formato de CD-ROM, que reunisse os projetos em vigência no ano de 2004, sobre Inclusão Digital com o uso de computador, na cidade do Salvador (Bahia - Brasil), surgiu ao percebermos a dificuldade em se ter reunidas, em um só produto, informações atuais e sistematizadas a respeito dos mesmos.

Para que reuni-los? Para que os administradores das diversas Prefeituras, Organizações do Terceiro Setor (ONG's), empresas privadas, entidades comunitárias, dentre outros interessados no assunto, conheçam o que está sendo feito a respeito, na cidade de Salvador. E tenham a possibilidade de criar projetos baseados nas experiências dos que se encontram em funcionamento, proporcionando assim a diminuição do abismo existente entre excluídos e incluídos digitais.

O porquê de um multimídia em formato de CD-ROM? Este tipo de mídia foi escolhido pelo fato de ser de fácil circulação, acessível, economicamente viável e, por não precisar de conexão com a Internet, tornando-o de fácil comercialização e distribuição. Vejamos a sua configuração (figura 01):



Figura 01 Tela inicial

Seção 1 – “Apresentação”

Nesta tela de “Apresentação” (figura 02) temos um texto dividido em três subtítulos abordando o “Trabalho de Conclusão de Curso”, a “Exclusão Digital” e “Por que um CD-ROM?”:

- O Trabalho de Conclusão de Curso: expressão do desejo de colocar em prática todo o conhecimento adquirido nos anos de estudos.
- A Exclusão Digital: exposição de alguns dos principais fatores que geram o que se denomina, na atualidade, de “exclusão digital” ou “analfabetismo digital”.
- Por que um CD-ROM?: Justificativa de quando, por que e para que decidimos elaborar um multimídia reunindo experiências sobre Inclusão Digital com o uso de computador, na cidade do Salvador (Bahia - Brasil) em vigência no ano de 2004.



Figura 02 Seção 1 – “Apresentação”

Seção 2 – “Mapa de localização de Projetos”

Este tópico exibe um mapa de localização dos Projetos de Inclusão Digital, implantados ou que já se encontravam em vigência no ano de 2004, em Salvador (figura 03).

Queríamos proporcionar uma visualização dos projetos, num mapa, de uma maneira explícita e funcional, então pensamos na utilização de uma imagem da cidade de Salvador.



Figura 03 Seção 2 – “Mapa de localização de Projetos”

Foram colocados, no mapa, pontos de localização coloridos; onde os amarelos representam os projetos da Iniciativa Privada; os verdes os do Terceiro Setor; os azuis os do Poder Público; e quando acendem todos (pontos amarelos, verdes e azuis) indicam a totalidade dos projetos.

Seção 3 – “Projetos de Inclusão Digital”

Nesta seção, “Projetos de Inclusão Digital”, encontra-se o banco de dados, que mediante um sistema de “busca por categorias” (Poder Público, Iniciativa Privada, Terceiro Setor) disponibiliza informações sobre cada uma das 119 iniciativas mapeadas por esta pesquisa (figura 04).



Figura 04 Seção 3 – “Projetos de Inclusão Digital”

Seção 4 – “Exemplos de Projetos”

Nesta parte, sob o título de “Exemplos de Projetos” (figura 05), colocamos em destaque algumas iniciativas. Os critérios de escolha utilizados foram: a abrangência, os resultados positivos na comunidade e a inovação.



Figura 05 Seção 4 – “Exemplos de Projetos”

Esta seção possui *sublinks* que nos levam às páginas individuais, cada uma com um dos projetos selecionados, contendo um texto de apresentação, fotos, vídeos, entre outros. Foram escolhidos oito projetos: Tabuleiro Digital (FACED) e

Identidade Digital (SECTI), associados ao Poder Público; Estação Cidadania para uma Cultura de Paz (Faculdade de Tecnologia e Ciências - FTC) e Internet Comunitária (Faculdade Ruy Barbosa), relacionados à Iniciativa Privada; e Escola de Informática e Cidadania Bairro da Paz (ONG CDI-Bahia), Kabum! Escola Telemar de Arte e Tecnologia (parceria da ONG Cipó e do Instituto Telemar), Cibersolidários (ONG Cipó) e Índios On-Line (ONG Thydêwá) vinculados ao Terceiro Setor.

Seção 5 – “Publicações”

Neste item disponibilizamos artigos de professores, estudiosos e interessados na Inclusão Digital da sociedade (figura 06).

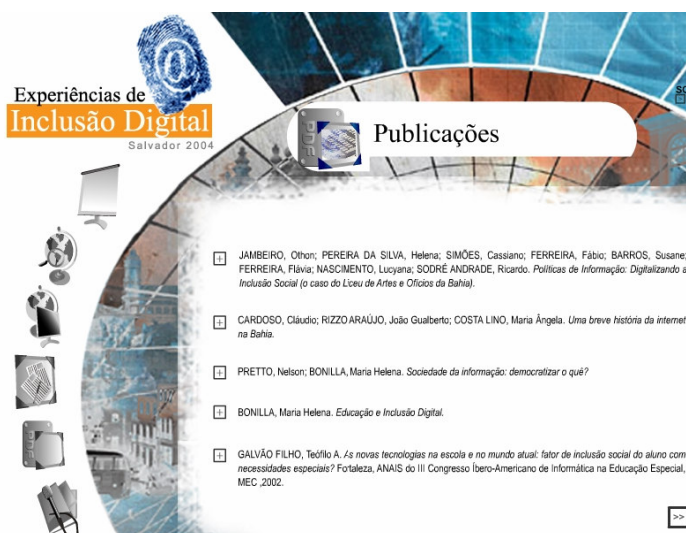


Figura 06 Seção 5 – “Publicações”

Nossa intenção foi apresentar uma literatura específica que servisse como fonte de reflexão sobre os diversos fatores que cercam a questão da exclusão e inclusão digitais.

Seção 6 – “Extras”

Neste tópico, denominado de “Extras” (figura 07), colocamos três vídeos relacionados ao tema.



Figura 07 *Seção 6 – “Extras”*

O primeiro mostra aspectos relativos a um dos principais programas de inclusão digital existentes em Salvador: o da Faculdade de Educação da UFBA (FACED), denominado “Tabuleiro Digital”.

O segundo é um programa exibido em maio de 2003 no “Programa Brava Gente” do Canal FUTURA, a respeito do Projeto “Informática na Educação Especial” (InfoEsp) do Centro de Reabilitação e Prevenção de Deficiências (CRPD), uma unidade das Obras Sociais Irmã Dulce.

O terceiro apresenta uma entrevista com a Prof. Dra. Maria Helena Bonilla, professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da UFBA, especialista na área.

Seção 7 – “Ficha técnica”

Nesta seção disponibilizamos a “Ficha técnica”: nome do curso; os nomes e e-mail dos pesquisadores (alunas e orientador); apoio técnico; e os créditos da música de abertura (figura 08).



Figura 08 *Seção 7 – “Ficha técnica”*

A idéia norteadora no processo de desenvolvimento do CD-ROM foi de que deveria ser uma ferramenta multimídia com uma interface amigável, com um bom poder de armazenamento e com uma boa navegabilidade e usabilidade para os diversos (e potenciais) usuários.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as diversas participações em fóruns, palestras, grupos de trabalho, e com as visitas a vários projetos de Inclusão Digital em Salvador, dentre outras coisas, o que podemos observar foi que não existe um projeto padrão que possa servir como modelo para os demais. À medida que fomos conhecendo a realidade na qual se encontravam inseridos, vimos que cada comunidade é um mundo, com seus problemas, carências e prioridades. Assim, percebemos que cada projeto de inclusão digital “deve” ter a sua particularidade na forma de organização, na proposta e na metodologia de trabalho, pois precisam refletir e atender as necessidades específicas das comunidades.

Um outro ponto, que merece destaque, foi a constatação de que os trabalhos desenvolvidos em parcerias entre as três esferas de atuação (poder público, iniciativa privada e terceiro setor) tendem a proporcionar melhores resultados, tanto no aspecto quantitativo, verificado pela possibilidade de um alcance de um número maior de participantes, quanto no aspecto qualitativo, haja vista a presença de uma melhor infraestrutura (técnica, logística e humana), o que naturalmente repercute na qualidade dos

serviços oferecidos. Nesse sentido, concluímos que a adoção de políticas e estratégias operacionais direcionadas para a concentração de esforços sinérgicos parece se apresentar como a solução mais plausível diante do quadro analisado.

Por fim, vale ressaltar que o processo de produção de um multimídia em formato CD-ROM com o mapeamento dos projetos em vigência na cidade de Salvador, durante o ano de 2004, revelou-se de maneira bastante gratificante em diversos aspectos, principalmente naquele que materializou o nosso desejo de promover contribuições efetivas no processo de luta contra a exclusão digital e social.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, R. O que as empresas podem fazer pela Inclusão Digital. Disponível em: www.cdi.org.br/manual/inclusao.pdf . Acessado em: 22/03/2005 às 11:35 h

DIAS, Lia Ribeiro. Inclusão Digital: com a palavra a sociedade. São Paulo: Plano de Negócios. 2003.

EDUCAÇÃO contra a exclusão digital. Entrevista a Pierre Lèvy (2002). Disponível em: <http://www.nova-e.inf.br/nomes/pierrelevy.htm>. Acessado em: 12/10/2004 às 9:55 h

GOVERNO federal quer fazer de 2005 o ano da inclusão digital. Entrevista ao Secretário de Logística e Tecnologia da Informação do Ministério do Planejamento, Rogério Santanna. Disponível em:

http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=215725&q=1&editoria

Acessado em: 13/02/2005 às 13:45 h

INCLUSÃO digital na Bahia. Entrevista a Geraldo Machado, diretor geral da Fundação Luis Eduardo Magalhães. Disponível em:

<http://www.abt-br.org.br/modules.php?name=News&file=article&sid=342>. Acessado

em: 13/06/2004 às 17:25 h

LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.

NERI, M. Mapa da exclusão digital. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2003. Disponível em:

www2.fgv.br/ibre/cps/mapa_exclusao/apresentacao/Texto_Principal_Parte1.pdf.

Acessado em: 12/10/2004 às 8:05 h

PRETTO, Nelson de Luca; BONILLA, Maria Helena. Sociedade da informação: democratizar o quê?, 2001. Disponível em:

http://www.pretto.info/textos/socinfo_jb210201.htm. Acessado em: 09/03/2005 às 14:30 h

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Exclusão Digital: a miséria na era da Informação. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

¹ Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela FACOM/UFBa, Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBa). Coordenador do Grupo de Pesquisa Tecnologias Contemporâneas de Comunicação - CNPq. Pesquisador participante do Centro Internacional de Estudos e Pesquisa em Cibercultura e do Grupo Cibercidades da FACOM/UFBa. Professor da FTC e da F2J.

² Graduada em Comunicação Social com habilitação em Hipermídia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências.

³ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Hipermídia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências.